
Homoparentalidade: Excessos e Possibilidades

ALICIA BEATRIZ DORADO DE LISONDO*

***“Eu quero uma família normal” diz o paciente de cinco anos
Que é uma família normal? Indaga a terapeuta
Com pai, mãe, irmãos, como todo mundo. Com pai de verdade! Não com
sementinha pai”. Responde o paciente.***

Introdução

A psicanálise é a ciência que a partir da experiência clínica investiga a alma humana, tendo em conta a existência do inconsciente em permanente relação dialética e oscilação com a consciência. É este meu vértice.

Freud, o gênio fundador, enfrentou as resistências ante a nova ciência, numa cultura vienense Vitoriana, ao propor uma mudança copernicana nos paradigmas epistemológicos existentes. Os sonhos, os chistes, os lapsos, os sintomas das pacientes histéricas revelavam a existência viva desse inconsciente. Muito além dos esforços da vontade, a consciência não governa mais a vida humana. Muito pelo contrário, o sistema inconsciente desconhecido, enraizado na história filogenética do ancestral, e na carne do corpo relativiza o poder da consciência e da razão. Esse golpe ao narcisismo é uma afronta que derruba o ser humano do trono da onipotência, da onisciência e da divindade. Inconsciente dinâmico e para Bion também infinito.

A descoberta da sexualidade infantil recalçada, na gênese do sofrimento psíquico, escandalizou a cultura de sua época e de todas as épocas. Freud realizou uma ruptura teórica. A sexualidade é uma disposição psíquica universal. Ela pode ser influenciada por uma construção ambiental, como mostra a clínica do hermafroditismo. Mas o corpo e suas funções enraízam a vida fantasmática. Ela compõe um conjunto conceitual com a pulsão, a libido, o apoio, o objeto e a bissexualidade. Sua teoria é centrada no falo. Ela transcende a existência ou inexistência do pênis anatômico. A dissimetria entre os sexos tem como pivô o complexo de castração. O destino de cada sexo é diferente não só pela anatomia, mas pelas representações em torno desse corpo. Para Freud (1905,

* Analista Didata; Analista de Crianças, Adolescentes e Adultos e Docente do GEP – Grupo de Estudo Psicanalítico de Campinas e da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), filiada à *International Psychoanalytic Association*.

1924, 1925, 1931, 1933), a sexualidade plasma tanto a norma quanto o desvio.

A homossexualidade, então, nasce do *pathos*. É expressão do sofrimento do paciente. Não é uma escolha consciente, uma livre eleição. Nela se plasnam missões a cumprir, legados da herança transgeracional, fantasias, afetos, representações, projetos identificatórios, marcas mnemônicas, vestígios desconhecidos da dimensão inconsciente da mente.

Freud relacionou a homossexualidade às relações com os objetos primários na infância, os desvios na identidade, a problemática narcisista e o complexo de Édipo. Ele nos alerta sobre a bissexualidade constitucional e a homossexualidade latente. Também, o mestre aborda, ao estudar as personalidades excepcionais, quanto à mulher ao se sentir inferior pela falta de pênis pode reivindicar regalias e sobre compensações. Esta interpretação da feminilidade foi contestada e superada pelos aportes das analistas mulheres.

A homossexualidade, no seu amplo espectro, pode revelar um conflito neurótico entre o *EU* e o *ID*, ou pode ser uma manifestação da psicose onde aparece o conflito entre o *EU* e a realidade recusada, as cisões, as identificações projetivas intrusivas e excessivas, ou pode expressar estruturas perversas. Nestas últimas, não existe o Outro da alteridade (Freud, 1924).

Os Desafios da Homoparentalidade

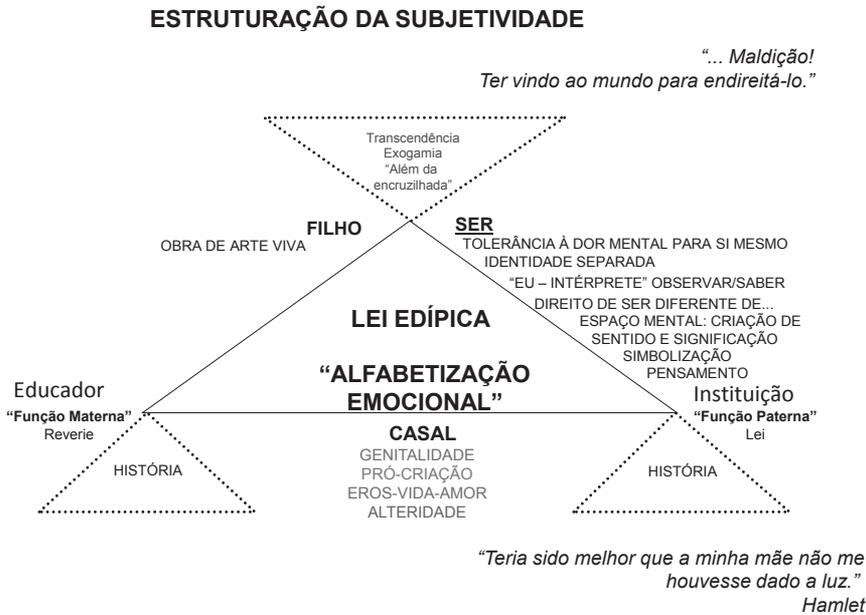
A concepção e adoção de bebês e crianças por casais homossexuais merecem que sérias investigações surjam da clínica psicanalítica. O trabalho psicanalítico tanto com os pais, quanto com os filhos adotados ou biológicos destes casais, concebidos através das técnicas de fertilização assistida (T.F.A) podem muito nos ensinar. Mesmo tendo em conta a singularidade única de cada paciente, com uma vasta experiência clínica, será possível delinear certas tendências, invariâncias e configurações.

Considero que pretender responder ao “por quê? para que?” conceber uma criança, nos leva a uma rua sem saída, uma vez que as motivações são complexas e se enraízam na alhures do ID, da segunda tópica freudiana, no inconsciente não reprimido porque nunca foi consciente ou no inconsciente reprimido. Não se trata de buscar uma causalidade linear, determinista, mecânica, positivista e obsoleta.

Indagar sobre as implicâncias dessa paternidade, possível só através desses malabarismos existenciais ou da adoção, podem trazer certa luz. Qual o lugar desse filho nesse casal? Qual sua função? É possível o respeito ao Outro, o filho, na sua alteridade? Ou será esse filho um apêndice narcisista, uma possessão, para garantir uma completude alucinada, na anulação do SER do filho, como sujeito? Será que ao invés da renúncia ao falo há uma perpetuação da onipotência infantil, negando as limitações humanas? Concordo com Ungar (2011) quando enfatiza que o ideal atual atende mais a uma visão narcísica de si próprio e menos a uma representação de um membro da trilogia edípica: mãe, pai, criança.

Édipo e a Homoparentalidade

A psicanálise tem seus pilares científicos de sustentação em permanente evolução, tal a lição do mestre. A configuração da estrutura edípica precede à gestação do ser a nascer. Ela sustenta as identificações do *infans* com ambos os pais. Esse triângulo rege a diferença entre os sexos, no eixo vertical. Há uma separação temporal entre as gerações, no plano horizontal.



O Complexo de Édipo é o Complexo nuclear das estruturas neuróticas, correlato do Complexo de castração. É o mito fundador que elucida as relações do ser humano com as origens e a genealogia familiar e histórica. Nele o inconsciente aparece disfarçado de destino.

Essa triangulação inspirada na obra de Sófocles se enraíza na diferença de sexos. Na carne do corpo a limitação humana está estampada como marca indelével. Na relação sexual genital hetero sexual, na união das diferentes identidades, num vínculo suficientemente amoroso o filho é concebido. Essa união é para o *infans* o primeiro modelo de relação apaixonada. Nela, o vínculo de amor, ódio e conhecimento estão presentes.

Essa re-união, com uma penetração no SER do outro, muito além da penetração carnal, pode permitir a concepção do filho, o terceiro, como criação estética.

O *infans* cumpre a lei ao renunciar as relações incestuosas com o progenitor do sexo oposto, mas poderá encontrar a um Outro que não seja a mãe, nem o pai, quando adulto. No Édipo positivo, o progenitor do mesmo sexo é para a

criança modelo de identificação; o progenitor do sexo oposto é objeto de rivalidade na competição edípica. O contrário acontece no Édipo negativo.

A autoridade parental é introjetada, na dissolução do Complexo de Édipo, no núcleo do *EU*, para formar o super-eu.

Nos casais homossexuais, a concepção biológica só será possível graças às T.F.A. É importante refletir sobre o sentido dessa concepção e as funções desse filho, que precisa de um Outro altamente qualificado, para vir a ser um ser humano. A sobrevivência biológica não garante a vida psíquica.

O conceito universal de bissexualidade permite contemplar em todo ser humano a existência de uma predisposição biológica e psíquica dotada de dois componentes: o masculino e o feminino. Cada ser sexuado recalca ou não os caracteres do outro sexo. A bissexualidade é o núcleo da doutrina freudiana da homossexualidade.

Na homoparentalidade, a diferença sexual anatômica entre macho e fêmea é recusada. Com Stoller (1964) concordo que o gênero refere o sentimento psíquico da identidade sexual. Nestas relações um *partenaire* pode realizar a função masculina e o outro a função feminina. Sexo e gênero podem estar numa dissimetria radical, como no transexualismo. Exemplo, Lola no filme “Tudo sobre Minha Mãe” de Almodovar (uma mãe solteira em Madri, Manuela, vê seu único filho morrer no seu 17º aniversário quando corre para pegar um autógrafo de uma atriz. Ela vai a Barcelona à procura do pai de seu filho, uma travesti chamada Lola, que não sabe que tem um filho). Mas não concordo quando se pretende enaltecer só o fator cultural, num modelo causal, linear, determinista como o único responsável pela “escolha” do gênero, negando a diferença biológica real do corpo e outros tantos fatores entrelaçados, vislumbrados nas séries complementares de Freud, nos sistemas abertos e complexos, na capacidade negativa de Bion. A presença da ideologia na ciência pode distorcer a realidade.

A identificação é para Freud (1921) a expressão de uma ligação amorosa com outra pessoa. Os pais são os primeiros modelos a serem imitados, para logo com eles o filho se identificar. Às vezes, em adoções bem sucedidas, é possível observar a profundidade deste vínculo quando o filho acaba se parecendo com os pais adotantes por se identificar com gestos, posturas corporais, trejeitos, a musicalidade da linguagem, etc.

Para Bion (1963), no mito edípico há uma preconcepção primitiva a se realizar. Ele salienta um precursor da situação edípica, algo que corresponde ao *EU* como parte de seu aparelho para o contato com a realidade. O aparamento desta preconcepção edípica, elemento alfa, com a realização dos pais reais, dá lugar à concepção dos pais.

Quando a inveja, a voracidade, o sadismo ou outra causa não permitem ao bebê tolerar a relação parental e esta é atacada, a carga emocional da preconcepção edípica, elemento alfa privado, destrói a preconcepção edípica. O bebê perde o aparelho essencial para alcançar uma concepção da relação parental e

em consequência para a resolução dos problemas edípicos. Não é que não seja possível resolvê-los, mas ele nunca os aborda. O paciente é privado da experiência de aprendizado da relação parental.

Entre suas contribuições, o autor do pensamento, coloca como pivô dessa configuração, não mais a sexualidade, mas o conhecimento e a curiosidade.

Há diferenças entre o casal esperado e o real. Se for possível tolerar essas diferenças, se formará uma *realização positiva* nesse aparamento.

Freud (1913) ressalta a transmissão filogenética da identificação primária com o pai da pré-história, o pai narcísico, que precede o objeto, presente em Totem e Tabú. Mas ele também nos alerta sobre a importância do inconsciente do Outro, na transmissão de fantasias e estruturas simbólicas. Há uma herança de tendências psíquicas. O pai é decisivo, como presença na mente da mãe, o terceiro que institui a proibição do incesto. Este pai simbólico que precisa ser “morto” tem uma função legislativa (Perelberg, 2015).

Freud (1914) e Kaës (1996) enfatizam a importância da criatura humana ser um elo na cadeia de gerações. Há uma transmissão inconsciente via identificação.

Homoparentalidade e Técnicas de Reprodução Assistida

Na homoparentalidade, que lugar tem o masculino e o feminino, na mente dos pais?

No auge da onipotência, as T.R.A. oferecem a oportunidade de malabarismos existenciais para driblar os limites corporais e temporais, em cumplicidade com as perturbações da personalidade dos futuros pais. A ciência é corrupta quando transgredir essas barreiras exercendo um poder divino (Lesnik- Oberstein, 2008). Qual a função da ciência quando permite a concepção de um embrião, com riscos psíquicos já anunciados, no processo de humanização? Estas técnicas, quando usadas indiscriminadamente, merecem, no excesso que derruba as limitações, uma reflexão ética. As T.R.A. vão muito além de permitir, com bom senso, a concepção ao casal heterossexual, estéril. Elas tornam quase TUDO possível, inclusive o incesto pode ser legalizado, quando, por exemplo, uma sogra recebe o embrião da filha fecundado pelo genro.

O espermatozoides retirado de um banco anonimamente, usado nas T.R.A., na sua concretude biológica, dificulta o processo de humanização, o reconhecimento e o conhecimento dos vínculos de parentesco numa história. Num *splitting forçado* (Bion, 1962) só se enfatiza a materialidade da fecundação biológica. O significado desse encontro é cindido.

Não por acaso, nas relações entre mulheres homossexuais, o espermatozoides é de um banco. O anonimato, o desconhecimento, reduz a masculinidade ao nível biológico, para garantir a reprodução, como mostro na vinheta. Tilda, a menina de um casal de mulheres lésbicas, concebida pela T.R.A. com o espermatozoides de

um banco, tratada por Herzog (2011), personifica o “pai” como múmia que ela queria trazer de volta a vida ou como vagabundo briguento.

Uma criança (atendida por uma colega) que supervisiono quer conhecer o “pai” e tampa os ouvidos quando as mães contam a história de sua concepção, com a sementinha do banco de esperma. As mães lésbicas da criança, tratada por Herzog (2011), confessam que “*preferiam um mundo sem homens perturbados e perturbadores*”. Escolhem um analista homem, mas pela profissão que exerce, elas têm a expectativa que ele não seria muito masculino. Como se realiza a realidade triádica, a relação do filho com cada progenitor e com o casal parental? A criança busca desesperadamente sentidos e, por vezes, pode encontrar o sem sentido. As teorias sexuais infantis e o “romance familiar” são fantasias, construções que todo ser humano precisa fazer como baluarte ante o insuportável do desconhecido (Ungar, 2011).

Como a criança estrutura sua subjetividade quando convive com modelos de identificação onipotentes, arrogantes, que não podem aceitar as diferenças, as limitações, a realidade da anatomia que marca o destino? A criança busca saber sobre as origens e se encontra com o sinistro.

A heterossexualidade não garante saúde mental para a prole. Mas não é válido usar este argumento para recusar, minimizar, simplificar e deixar de investigar as questões relativas às diferentes homoparentalidades.

Para a criança que está formando sua personalidade numa gênese, a identidade sexual é uma obra construída permanentemente no desenvolvimento emocional, na trilha da subjetividade. A diferença sexual é percebida nos significantes concretos de demarcação-batom, salto alto, charuto, cachimbo, força no chute a gol, rasgos da personalidade, etc. A criança ainda não chegou ao mundo simbólico e ao pensamento abstrato. A discriminação entre o gênero feminino e o masculino exige alto nível de abstração e ter realizado o percurso pelo mundo sensorial, até chegar ao ápice do simbólico porque aquilo que constitui a masculinidade ou a feminilidade é algo desconhecido que a anatomia não pode apreender (Freud, 1933).

O menino (atendido por uma colega que supervisiono) não reconhece gênero masculino, nem feminino, nem casal parental. Para ele há duas mães na sua gênese, assim ele as nomeia apesar dos retos, correções e recriminações. Ele busca desesperadamente o pai.

A Postura Analítica na Homoparentalidade

Os preconceitos morais, com alicerces num Super-Eu, moralista sem moral, os ideais religiosos, as conquistas políticas, legais, sociológicas, a alteração da classificação psiquiátrica; não podem cegar o vértice psicanalítico. Ele tem sua especificidade. A psicanálise merece um lugar no diálogo interdisciplinar.

A identidade analítica exige o autoconhecimento do analista e o zelo permanente através de re-análise e auto-análise, para cuidar da própria mente, nesta profissão impossível e insalubre de alto risco. Cuidados necessários, mas que não podem garantir que o profissional não seja vítima do contágio fanático pelos dogmas preconceituosos, racistas, libertinos ou ideológicos (Zambrano, 2006) que pressionam fortemente sua alma e dificultam o caminho do pensamento científico. Claro que a neutralidade é uma meta a alcançar, nunca uma conquista absoluta. Na postura analítica, a pessoa do analista vibra. Se entrar a moral na sua postura, seu instrumento de trabalho - sua própria mente - precisa ser afinada para não perturbar o objeto analítico altamente complexo (Chuster et. cols, 2011).

A clínica psicanalítica só pode acontecer num *setting* psíquico enraizado nos pilares da metapsicologia, nele a intimidade, o sigilo e a privacidade do paciente são sagrados. A psicanálise “extramuros”, ao sair do *setting* do consultório tradicional, pode ajudar a pensar sobre o que está vivo e oculto na Cultura, Grupos e Instituições.

Não se trata de um ecletismo complacente nem de uma posição escolástica determinada. É preciso zelar pela ética da psicanálise que tem um compromisso com a verdade e com o *pathos* do paciente.

Nesta clínica, bebês, crianças e adolescentes órfãos, com traumas cumulativos, a espera de adoção, vivem um desamparo catastrófico (Lisondo, 2012) numa anemia psíquica e pressionam a mente dos profissionais a procura de um lar. Por outro lado, estão os casais estéreis, ou aqueles que decidem adotar outro filho na pluri-parentalidade, heterossexuais ou homossexuais. Ainda a monoparentalidade, quando não existe o Outro da mãe ou do pai, merece compaixão, respeito e compreensão para transformar o sofrimento, às vezes, impensável, irrepresentável e indizível. Os pais adotantes também vivem o fantasma da marginalidade, como se oferecessem uma paternidade de segunda categoria (Uziel, 2007).

O psicanalista trabalha com hipóteses a serem questionadas, mudadas, comprovadas, refutadas, validadas na experiência clínica. A função analítica tem a esperança que o paciente possa se conhecer e então vir a ser, se transformar. A sugestão, presente na hipnose, o aconselhamento, a orientação revelam os excessos e desvios na postura analítica.

Acorde com as ciências da complexidade nos sistemas abertos, as dúvidas, incertezas, questionamentos afastam o psicanalista de uma concepção positivista e determinista de pensamento linear, que pretenda amarrar os efeitos as causas pré-estabelecidas. A tentação de formular uma sentença do tipo, X acontece por Y, aborta a dimensão de mistério, incerteza e indeterminação das questões humanas.

A personalidade total é um sistema aberto, dinâmico, complexo que contempla infinitos fatores. Neste trabalho, questiono a função parental na homoparentalidade, fator que se entrelaça com muitos outros, conhecidos e desco-

nhecidos. Este lugar dos pais, para criar a vida mental e re-significar histórias traumáticas, exige abordar cientificamente a homoparentalidade.

Por tanto, não se trata de inculpar os pais adotantes, homossexuais, ante as perturbações psíquicas do filho. Eles, como todos nós, fazem o possível e não podem ir além dos engodos das próprias configurações inconscientes. Freud (1920) adverte que o saber que a consciência recebe da própria vida amorosa é incompleto, falso e lacunar.

É a minha intenção conclamar a responsabilidade dos profissionais envolvidos na concepção ou adoção de uma criança. .

Os quadros sobre “Filiação Simbólica e Filiação Diabólica” (Lisondo et al., 2005) abordam tanto os fatores que propiciam o desenvolvimento das funções parentais suficientemente boas e, por tanto, favorecem a construção da subjetividade do filho, quanto os fatores perturbadores que potencializam os transtornos no desenvolvimento emocional de pais e filhos.

No filme “Segredos e Mentiras”, de Mike Leigh, a protagonista adotada alcança um desenvolvimento emocional que lhe permite lutar para encontrar sua mãe biológica. Em contraposição, a convivência entre a segunda filha e esta mesma mãe é terrivelmente perturbada. A filha adolescente, não adotada psicologicamente, sofre o horror da incompreensão, das projeções do ressentimento materno, a desvalorização do *self* pela falta de um bom investimento materno.

Os fatores perturbadores e os facilitadores para criar e nutrir a vida mental não são monopólio nem da homoparentalidade, nem da heteroparentalidade.

O filme “Incêndios” mostra o trágico destino do primeiro filho da sofrida mãe Narwal, que entrega a seu primogênito, apesar de sua dor (Motta, 2001) e o busca vida fora. Ele vive num orfanato (Lisondo et al., 2004, 2005), escapa da morte biológica quando é salvo do massacre da guerra civil no Líbano em 1970. Ele também busca suas origens como Édipo (Lisondo, 1992a) sem sucesso e se torna um exímio torturador no desfiladeiro de horrores (Gampel, 2002), estuprando e engravidando a desconhecida mãe biológica na prisão.

O *Infans* e o Outro

O *infans* nasce totalmente desamparado e precisa do outro para vir a ser um ser humano. A subjetividade se constrói na intersubjetividade, ponto de convergência de todas as escolas de pensamento psicanalítico. Há uma gênese. Nela uma mente é construída.

A função parental e a função educativa são fatores fundamentais na formação do vir a SER do *infans*. Há luminosas adoções simbólicas, que propiciam o desenvolvimento mental enraizadas em *EROS*, e sombrias adoções diabólicas que dificultam a construção dessa subjetividade. O pequeno ser pode ficar emboscado nas malhas do inconsciente parental, potencializando os traumas. Fúria, ressentimento, buracos e mortificações narcísicas ficaram enquis-

tadas vida fora. Sub-repticiamente se buscará, às vezes, nas condutas delinquentes e antissociais o acerto de contas ante a nova traição, o novo abandono, a humilhação ante o reiterado estilhaçamento do ser, a dor ante a nova rejeição.

O bebê oferecido para ser adotado, já sofreu além do trauma do nascimento, o trauma da privação da função materna da mãe biológica. Há uma fratura entre a vida pré-natal e a vida pós-natal. Como ensina a clínica, a rejeição materna deixa suas marcas no psiquismo pré-natal (Wilheim, 1996). Há crianças que sofrem as sequelas da institucionalização em abrigos, que nem sempre abrigam a vida mental (Lisondo, 2003). Ou seja, os pais adotantes recebem uma criança com traumas cumulativos. Não foi possível criar o necessário vínculo simbiótico que garante a continuidade do *self* com a mãe biológica, desafio transferido para os pais adotantes. Estes oferecem um nome a um ser com corpo desconhecido. As funções parentais dos pais adotantes serão mais difíceis e exigentes (Winnicott, 1967).

Muitas vezes, quando o filho adotado frustra as expectativas parentais, pelos transtornos na constituição da subjetividade, os pais apelam as questões da ordem genética e constitucional, “*ser de mau sangue*” ou “*ter má índole*” como causas determinantes para justificar o drama. O desencontro entre a realidade e a estrutura dos ideais pode levar os pais até a devolução do filho, desfazendo o processo de adoção. A criança sofre um novo trauma que esburaca mais ainda o já frágil tecido mental.

Por sua vez o legítimo direito do filho de investigar sua origem, pode ser vivenciado, pelos pais homossexuais como ameaça de abandono, traição, ingratidão, rivalidade, afronta, violência. A analista Smolen (2011) relata as dificuldades para sustentar a análise de Georgie, menino adotado por pais homossexuais. O pai não suportava a relação triádica, sendo ele o excluído da sala de análise. Ele reagia contra a análise do filho que vivenciava como uma cena primária com a analista. A profissional era uma intrusa, sequestradora da relação dual exclusiva pai/filho. Esse pai parecia buscar em Georgie uma relação primitiva, de fusão exclusiva, para lidar com suas próprias dores. Para Prot (2011), a analista era uma ameaça para esse pai porque implicitamente ela propunha a salutar separação. Esse ser homossexual queria a exclusividade do AMOR do filho e ocupar todos os papéis. O filho não podia ter um espaço seu com a analista.

É claro que a função parental se entrelaça com muitos outros fatores imponderáveis, desconhecidos, como o azar. Mas sua importância é crucial.

O trabalho psicanalítico com os pais, a clínica parental visa o desenvolvimento dessas funções, sem julgamentos, sem a pretensão de normatizar, permitindo que os pais sejam os autores responsáveis da criação do filho, numa plena paternidade simbólica. Voltarei sobre esta questão no apartado sobre as perversões.

Estados mentais perversos e perversão

No amplo leque da homossexualidade, existe como denominador comum à intolerância a aceitar a diferença sexual. As limitações vigentes no próprio corpo são recusadas.

Neste vasto espectro penso que é fundamental a observação e escuta analítica da linguagem verbal, pré-verbal e para-verbal para tentar uma aproximação à compreensão da personalidade de cada cônjuge e do casal. É justamente por aceitar a existência do inconsciente que aprendemos a desconfiar do discurso manifesto.

A entrevista dirigida com um questionário pré-estabelecido, usada em outras ciências, apela à informação consciente, às vezes enganosa, e não a revelar a subjetividade, com sua dimensão inconsciente.

A perversão implica os desvios de uma prática sexual em relação a uma norma social e sexual, sem uma conotação pejorativa ou valorizadora. Com a neurose e a psicose se inscreve numa estrutura tripartite (Meltzer, 1979).

Ela está marcada pelo relativismo cultural, nas suas múltiplas formas e carrega o selo de diferentes épocas e berços sociais.

Do ponto de vista estrutural, ela é definida como negatividade na sua relação com a neurose. O mestre sublinhava assim o caráter selvagem, bárbaro, polimorfo e pulsional da sexualidade perversa. Nela nem o recalque nem a sublimação tinham espaço. A perversão explodia com os limites da condição humana.

Um fator que caracteriza a perversão é que nela não há escolha, da mesma forma que um paciente não escolhe um câncer, nem sua histologia. A sexualidade perversa é fundamentalmente compulsiva (Mc Dougall, 1983). Este elemento compulsivo da sexualidade desviante deixa marcas profundas na relação de objeto. Em ambos os sexos, a ligação com a mãe pré-edípica é fundamental (Freud, 1933).

Em 1927, Freud aborda a renegação (*Verleugnung*) a partir do fetichismo. Nele coexistem duas realidades: a recusa e o reconhecimento da ausência do pênis na mulher. A perversão aparece como a renegação da castração com uma fixação na sexualidade infantil. Ela é compreendida como uma organização do *EU* baseada na clivagem.

De 1905 a 1927, Freud muda de postura. A perversão não é mais resultado de uma predisposição polimorfa, mas de uma atitude do ser humano ao se confrontar com a diferença sexual. Em 1938, o criador da nossa ciência explicita a diferença entre a genitalidade e a sexualidade. Esta última é mais ampla e inclui atividades que não tem a ver com a genitalidade. Há um prazer que se inicia no corpo, logo após o nascimento.

Para Klein (1975) a perversão é um distúrbio da identidade sexual de natureza esquizoide ligado à destruição do objeto e a autodestruição, manifestação da pulsão de morte. Elas aparecem como organizações patológicas do narcisismo.

Segundo Lacan (1966), a estrutura perversa se caracteriza pela vontade do sujeito de se transformar num objeto de gozo oferecido a Deus (Roudinesco, 1997), ridicularizando a lei. O desejo é de anulação e auto-aniquilação.

Sor-Senet (1992) reformulando as idéias de Bion, situam a perversão dentro do fanatismo. Eles diferenciam a psicose do fanatismo. Nestas últimas patologias, o dogmatismo, as cruéis ideias únicas, cavalgam sobre aparentes nobres propósitos.

Para eles não há transformações possíveis nestes estados, posição também sustentada por Deleuze (1983).

Quando a relação sadomasoquista impera, há uma relação complementar e simétrica entre o sofrimento ativamente infligido e o sofrimento passivamente vivido.

Para Freud, na segunda tópica (1931), o masoquismo primário, erógeno e originário está referido à pulsão de morte que investe ao próprio indivíduo.

O masoquismo moral, sentimento inconsciente de culpa, pode ser um poderoso fator que leva às adoções impensadas, potencializando o sofrimento humano.

Deleuze (1983) não considera o masoquismo como o inverso nem como o complemento do sadismo. Para o autor francês é um mundo a parte, inacessível a simbolização, um festival de horrores, castigos e atrocidades nos contrastos entre carrascos e vítimas.

Mc Dougall (1991) contribui com os conceitos de neo-sexualidade e de sexualidade aditiva para nomear a certas formas de sexualidade perversa, próximas da droga e da toxicomania que permitem aos sujeitos a beira da loucura encontrar o caminho da cura, da auto-realização e da criatividade.

A adoção é um caminho possível. Mas ela exige dos progenitores maturidade, capacidade intuitiva, atitude de doação, firmeza amorosa para colocar os necessários limites, flexibilidade, continência, para criar um sujeito, re-significar sua história, e propiciar o desenvolvimento possível.

Se nos pais impera o narcisismo - o amor a si próprio - no viés patológico, o filho pode ser aprisionado nesta constelação como se fosse uma possessão ao invés de ser um Outro diferente, numa relação de alteridade.

Penso que o caráter inefável da nossa ciência não nos poupa da exigência de precisão conceitual como dever ético.

É preciso **discriminar a estrutura de caráter perversa** onde impera a destrutividade cruel, a recusa da realidade e a estrutura narcísica, **dos estados perversos** presentes em todo ser humano.

Vinheta Clínica

Claudiel (por questões éticas o nome da paciente foi alterado) é uma paciente desquitada, mãe de dois filhos, brilhante na sua profissão. Num con-

gresso, conhece a sua atual companheira que mora em outra cidade. M. muito culta, fina e rica, é mãe solteira de uma filha adolescente. Ela fascina a sua amante com presentes originais, de muito bom gosto, organização de viagens paradisíacas, jantares especiais. Ambas se definem como “almas gêmeas”, numa fantasia de seres clonados.

Claudiel teme colocar sua vida em risco em todos os sentidos. Ambas compartilham uma gaiola de ouro. Em alta velocidade dirige para encontrar a M em lugares perigosos. Esta relação homossexual é secreta porque teme perder a guarda dos filhos, após um desquite litigioso e a respeitabilidade profissional. Mas ela recebe telefonemas, e-mails, torpedos, que precisa responder imediatamente como prova de amor. M., por sua vez, deseja que a relação seja publicamente assumida com a convivência e um filho próprio desse relacionamento. O esperma seria importado de um banco que garante a qualidade genética e o tipo físico (que pode ser escolhido em um *book*) de doador anônimo.

Minha paciente tem dúvidas sobre esse projeto ora tentador, ora muito assustador. Ela só deseja penetrar com o óvulo a sua parceira para evitar o incômodo da gravidez e o parto, assim como a deformação do corpo. Ela quer assumir o papel masculino. Numa transformação em alucinação pretende penetrar sua parceira com o óvulo fecundado e ter nove meses para decidir sobre sua participação nesta concepção. Ela realizaria assim fantasias pré-edípicas, alucinando a existência de um pênis. M. ficaria entretida com esse bebê, já que sua filha adolescente irá estudar na Europa, e então deixaria de atormentá-la com a exigência asfixiante de uma presença contínua.

Parece que um cordão umbilical as tem que unir fortemente, numa simbiose psicótica paradisíaca. Qualquer sinal de separação é uma enorme ameaça de aniquilação. Há um pacto heróico com a morte.

Minha paciente traz um sonho, após ter recebido de M. todas as informações sobre os procedimentos e os custos da fertilização *in vitro* no exterior, que me conta detalhadamente. Também após ter percebido na análise suas dificuldades na sua identidade, na maternidade, quando ela é uma criança órfã ressentida, que suplica por amor e segurança por trás de cada reivindicação.

Trabalho que ao oferecer seu óvulo, ele ser fertilizado e implantado, já um bebê foi concebido. Ela parece repetir as dúvidas, a ambiguidade, de sua mãe sobre a continuação ou a interrupção de sua própria gravidez.

Num aquário muito bonito, translúcido com plantas, estavam dois peixes exóticos da mesma família, um casal e um terceiro menor de outra família. Todos muito valiosos.

A empregada tirava com uma rede os dois peixes iguais e os colocava num balde para limpar a piscina, não é a piscina é o aquário !!. Quando tentava retirar o terceiro, com a mesma rede, ele pula, cai no chão e agoniza. A empregada desesperada chama a faxineira, o peixe escorrega das mãos delas. O jardineiro é também chamado e com uma pá tenta colocar o peixe no balde. Já é tarde demais!!.

Associações espontâneas. Meus filhos têm um novo aquário que adoram. Na viagem anterior, a empregada queimou os peixes ao ligar na tomada o termostato desregulado. Ela tinha instruções claras. Era só para colocar a alimentação dosada no aquário. Foi uma tragédia. Os peixes morreram incinerados.

Hoje em dia, o pessoal doméstico deixa muito a desejar. Eles não tem nem preparo, nem vontade, nem orgulho pelo trabalho.

Lhe interpreto dosadamente, em sucessivas oportunidades, que talvez o aquário translucido represente os esforços para perceber os sentidos dessa gestação na maravilhosa barriga de M. Como permitir que o oculto, escuro, na profundidade do seu ser fique mais claro no nosso laborioso trabalho? Há um projeto sofisticado pelas T.F.A. para gestar um bebê-peixe. Um óvulo precisa sair de um “aquário”, ser fertilizado e implantado em outro útero.

Um bebê-peixe agoniza. O homem com sua pá-penis chega tarde demais para salvá-lo.

As fantasias são de auto-engendramento. O esperma, como objeto parcial, precisa ser de ótima qualidade para garantir a grandiosidade na materialidade biológica da concepção. Mas aparece o chamado do jardineiro. Talvez o início do reconhecimento do masculino para zelar pela vida. Sua pá-penis não consegue salvar o peixe. É tarde!! Quanto tempo será necessário para que minha paciente possa aceitar a existência de um Outro, sem se sentir debilitada, mutilada, desvalorizada

O calor excessivo é asfíxiante, mata. Ela sabe que para ser mãe é preciso preparo psíquico, capacidade de doação, desejo.

Quando ela comete um lapso e confunde aquário por piscina, talvez esteja querendo me comunicar as fantasias de grandiosidade, idealização, megalomania que são perigosas.

Ela quer que eu possa ser uma servidora preparada e apaixonada pelo trabalho, que lhe ajude a perceber, a pensar para não incinerar a vida com atitudes impensadas que a levem a uma tragédia.

Nas Encruzilhadas Existenciais, um convite para pensar

Apresento, a partir de uma vinheta clínica da minha paciente, certas questões.

Será que Claudel teria condições de criar esse filho concebido pela T.R.A. de sua relação com M? Ou ela deseja “resolver” o aprisionamento paradoxal dessa relação asfíxiante com um filho que tem como missão entreter a M? Esse bebê permitiria a realização da equação com o falo? É esse filho o terceiro a promover a separação da fusão adesiva entre elas? M. e Claudel alcançariam a plenitude, a completude com esse bebê para preencher seus buracos existenciais?

Sem dúvida, minha paciente merece ser respeitada, compreendi com compaixão ante o *pathos* enigmático que revela. Garantir os direitos e a dignidade

como seres humanos de Claudel e de M., não implica deixar de aprofundar na análise os múltiplos sentidos deste projeto de paternidade. O tratamento psicanalítico era usado por Claudel como garantia e marca da superioridade de seu SER: “*eu estou analisada*”.

Desejo enfatizar que as posturas que defendem fanaticamente a adoção homoparental, não estão livres dos preconceitos e idéias dogmáticas que cegam as incertezas, riscos e a complexidade das questões científicas quando o humano está em questão.

Um filho precisa para se desenvolver da convivência regular, frequente, assimétrica, constante com um Outro ser humano suficientemente maduro numa relação de alteridade. O progenitor, capaz de *reverie*, recebe as sensações primitivas do bebê e as transforma ao dar significado. Quando o outro está gravemente perturbado, também pode agir como um bebê. Ao invés de ser um agente de continência, acolhimento, pensamento, inspiração, transformação, também evacua sensações sem sentido no filho, o intoxica. O bebê pode vir a ser pai do pai.

Por que morre o sofisticado peixe de uma outra família, no sonho da minha paciente? Que concepção de feminilidade ela tem, o menosprezado papel condensado nas figuras das empregadas com a rede? Que limpeza é preciso fazer nesse continente – aquário para albergar a vida? A beleza das plantas aquáticas não garantem à sobrevivência. São precisas funções específicas para criar a vida psíquica. Uma alimentação espiritual dosada. O calor excessivo, nas relações humanas, pode ser um forte fator de perturbação mental.

Esta difícil postura científica e ética, que abandona o princípio do prazer (Freud, 1910) zela para oferecer a uma criança órfã a possibilidade de uma nova experiência inédita de encontro humano, portal para o desenvolvimento. Ao invés de oferecer outra vez a repetição de uma tragédia anunciada.

As funções parentais são muito mais exigidas na adoção

Tratei de enfatizar a importância das funções parentais na criação da subjetividade em todo ser humano para fazer face ao desamparo originário. Acentuei as especificidades psíquicas dos bebês, crianças e adolescentes a serem adotados ressaltando os traumas cumulativos que potencializam o desamparo. A fragilidade e vulnerabilidade do psiquismo, o impacto dos sucessivos traumas e as falhas ou a privação das funções parentais, impedem que o ser em formação possa compartilhar, representar, sonhar, nomear, brincar e incluir numa rede simbólica essas trágicas experiências emocionais, sem significação.

Questiono a concepção de um filho na homoparentalidade através das T.F.A. Também a adoção tendo em conta a configuração edípica, a identidade, o narcisismo e as questões de gênero.

Diferencio as perversões estruturais onde a crueldade impera e o Outro não existe dos estados perversos. Os registros inconscientes dessas experiências podem se repetir compulsivamente vida fora.

Referências

- Bion, W. R. (1962). *Learning from experience*. London: Heinemann.
- Bion, W. R. (1963). *Elements of psycho-analysis*. London: Heinemann.
- Bion, W. R. (1965). *Transformations: change from learning to growth*. London: Heinemann.
- Chuster, A. e cols. (2011). *O objetivo psicanalítico: fundamentos de uma mudança de paradigma na psicanálise*. Porto Alegre: Ed. do Autor.
- Deleuze, G. (1983). *Apresentação de Sacher-Masoch* (J. Bastos, Trad.). Rio de Janeiro: Taurus. (Original publicado em 1967).
- Freud, S. (1999). Lês albuns de naissance. In *L' enfant a-t-il droit à son histoire?* Ramonville Saint-Agne: Editions Érès.
- Freud, Sigmund. (1976). Cinco lições sobre psicanálise. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas* (Vol. XI). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910).
- Freud, S. (1979). Tres ensaios sobre la teoria de la sexualidade. In *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (1980). Formulaciones sobre los dos principios del acaecer psíquico. In *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1911-1913).
- Freud, S. (1976). Introducción al Narcisismo. In *Obras Completas de Sigmund Freud* (vol. XIV). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (1979). "Más allá del principio de placer". In *Obras Completas de Sigmund Freud* (vol. XVIII). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (1976). Sobre la psicogénesis de un caso de homosexualidad femenina. In *Obras Completas de Sigmund Freud*. (vol. XVIII). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (1976). Sobre algunos mecanismos neuróticos en los celos, la paranoia y la homosexualidad. In *Obras Completas de Sigmund Freud*. (vol. XVIII). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1921-1922).
- Freud, S. (1976). "O Ego e o Id". In *Obras Completas de Sigmund Freud*. (vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (1976). Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia anatómica entre los sexos. In *Obras completas de Sigmund Freud*. (vol. XIX). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1925).
- Freud, S. (1976). El sepultamento del complejo de Edipo. In *Obras Completas de Sigmund Freud*. (vol. XIX). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1924).
- Freud, S. (1976). La perdida de realidade em la neuroses y la psicosis. In *Obras Completas de Sigmund Freud*. (vol. XIX). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1924).

- Freud, S. (1976). Sobre la sexualidade feminina. In *Obras Completas de Sigmund Freud*. (vol XXI). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1931).
- Freud, S. (1976). Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis: 33 conferencia: La feminilidade. In *Obras Completas de Sigmund Freud* (vol. XXII). (Trabalho Original publicado em 1933 [1932]).
- Gampel, Y. (2002). *El dolor de lo social*. Psicoanálisis, Buenos Aires, v.24, n.1/2, p.17-43.
- Herzog, J. M. (2011). *Realidade triádica, pais do mesmo sexo e análise de crianças: resposta ao artigo de Ann Smolen*. In Livro Anual de Psicanálise, XXV, São Paulo: Ed. Escuta.
- Kaës, R. et al. (1996). *Transmisión de la vida psíquica entre generaciones*. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Klein, M. (1975). *Psicanálise da Criança*. São Paulo: Mestre Jou.
- Lacan, J. (1966). "D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose". In *Escrits*, Paris: Seuil, pp.531-583.
- Lesnik-Oberstein, K. (2008). *On having an own child: reproductive technologies and the cultural construction of childhood*. London: Karnac Books.
- Lisondo, A. B. D. (1992a). *A reinterpretação da tragédia de Édipo à luz da adoção e dos estados primitivos do desenvolvimento do psiquismo humano*. Rev. Bras. Psicanal, 26 (4), 527-38.
- Lisondo, A. B. D. (1992b). "Drama e esperança da adoção: na transferência à luz do impasse". In *Anais do XIX Congresso Latinoamericano de Psicoanálisis*. FEPAL, Montevideu, Uruguai, Tomo II, 433-439.
- Lisondo, A. B. D. (1992c). A re-interpretação da tragédia de Édipo à luz da adoção e dos estados primitivos do desenvolvimento do psiquismo humano. In *Rev. Bras. de Psicanálise*, 26 (4), 527-538.
- Lisondo, A. B. D. (1999). "Travessia da adoção: a ferida na alma do bebê". In *Rev. Bras. Psicanálise*, 33 (3), 495-514.
- Lisondo, A.B.D. (2003). *O sentido de um abrigo psíquico para uma vida mental*. Trabalho apresentado, com a Equipe do Serviço de Psicologia Psicanalítica do Centro Corsini, no XIX Congresso Brasileiro de Psicanálise, realizado pela ABP, Recife.
- Lisondo, A. B. D. (2004). *A subjetividade é construída na intersubjetividade*. Psicanálise, Porto Alegre, v.6, n.2, p.255-82, ilus.
- Lisondo, A. B. D. et al. (2004). "Orfandade Mental". In: Hermann, F. & Lowenkrow, T. (Orgs.). *Pesquisando com o Método Psicanalítico* (pp.323-348). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lisondo, A. B. D. (2005). Pôster "Filiação simbólica e Filiação Diabólica" apresentado no 44º Congresso Internacional de Psicanálise da IPA, Rio de Janeiro.
- Lisondo et al. (2005) - Pôster. *Cuadro comparativo de las diferencias entre una familia suficientemente buena y un orfanato, para el desenvolvimiento del bebé*. Apresentado no 44º Congresso Internacional de Psicanálise da IPA. Rio de Janeiro. Publicado em *Transiciones*, v.13, p.171-176.
- Lisondo (2012) - Homoparentalidade: Excessos e possibilidades. In: XVI Encontro do curso de especialização em psicoterapia psicanalítica: *Desdobramentos clínicos em psicoterapia psicanalítica*/ Organizado por Ryad Simon, Kayoko Yamamoto e Gina Khaff Levnzon. São Paulo: Instituto de Psicologia.

- McDougall, J. (1983). *Em defesa de uma certa anormalidade: teoria e clínica psicanalítica*. Trad. C. E. Reis. Porto Alegre: Artes Médicas.
- McDougall, J. (1991). *Teatros do corpo: o psicossoma em psicanálise*. Trad. P. H. B. Rondon. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1989. Título original: Théâtre du corps).
- Meltzer, D. (1979). *Estados sexuais da mente*. Rio de Janeiro: Imago.
- Perelberg, R.J. (2015). *Murdered Father: Dead Father – Revisiting the Oedipus Complex*. Routledge and The New Library of Psychoanalysis.
- Motta, M. A. P. (2001). *Mães Abandonadas*. São Paulo: Cortez Editora.
- Prot, V.A. (2011). Comentários ao artigo de Ann Smolen. In: *Livro Anual de Psicanálise*, XXV. São Paulo: Ed. Escuta.
- Roudinesco, E. (1997). El psicoanalises a fines del siglo XX. IN: *International Psychoanalysis*. The Newsletter of the IPA.
- Smolen, A. G. (2011). Meninos apenas! Mães não permitidas. In: *Livro Anual de Psicanálise*, XXV. São Paulo: Ed. Escuta.
- Sor, D. & Senet, M.R. (1992). *Fanatismo* (pp. 17-357). Buenos Aires: Ananké.
- Stoller, R. (1964). "A contribution to the study of gender identity". In *Int. Journal Psicoanal.*, 45, pp.220-6.
- Ungar, V. (2011). Uma discussão de caso contemporâneo de criança. In *Livro Anual de Psicanálise*, XXV. São Paulo: Ed. Escuta.
- Uziel, A.P. (2007). *Homossexualidade e adoção* (pp.19-78). Rio de Janeiro: Editora Garamond.
- Winnicott, D. W. (1968a [1967]). A etiologia da esquizofrenia infantil em termos do fracasso adaptativo. In: *Pensando sobre crianças*. Porto Alegre: Artmed.
- Wilheim, J. (1996) - Psiquismo pré-natal e pós-natal: transições. In Junqueira Filho, L. C. U. (org.). *Silêncios e Luzes: Sobre a Experiência Psíquica do Vazio e da Forma* (pp. 21-23). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Zambrano, E. (2006). *Parentalidades "impensáveis": Pais/mães homossexuais, travestis e transexuais*. Horizonte Antropológico, 12 (26),123-147.